

UM DEUS PARA SER AMADO
ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A DOCTRINA
TRINITÁRIA EM KARL RAHNER

Maria Clara Lucchetti Bingemer

RESUMO:

Este texto procura trabalhar alguns aspectos fundamentais da teologia trinitária de Karl Rahner. Em um primeiro momento, resgata seu axioma que revolucionou esta área da Teologia: "A Trindade Econômica é a Trindade Imanente e vice-versa". Em um segundo momento, procura mostrar como toda a teologia trinitária de Rahner é baseada no entrelaçamento com a cristologia. Finalmente, a partir da obra de Rahner "O que significa amar Jesus?" (*Was heißt Jesus lieben?*), comentamos o fato de que Rahner, configurado pela espiritualidade ignaciana, encontra no amor real a Jesus a via de acesso ao pensar sobre o Deus Pai, Filho e Espírito Santo, que se dá a partir da experiência desse Deus na palpabilidade da carne de seu Filho e chega à sua vida imanente e à sua comunhão inefável.

PALAVRAS-CHAVE: Trindade, Cristologia, amor, economia, salvação

ABSTRACT:

This text seeks to develop some fundamental aspects of K. Rahner's Trinitarian Theology. It begins by presenting anew his axiom which revolutionized this area of theology: "The Economic Trinity is the Immanent Trinity and vice-versa." Then it seeks to demonstrate how all of Rahner's Trinitarian Theology is based on its links with Christology. Finally, parting from Rahner's "Love of Jesus, Love of Neighbor", the article comments how Rahner, configured by Ignatian spirituality, finds in the authentic love of Jesus the way to think God as Father, Son and Holy Spirit. This way originates from the experience of a God who can be touched in the flesh of his Son, and leads to God's immanent life and ineffable communion.

KEY WORDS: Trinity, Christology, love, economy, salvation.

O centenário de nascimento de Karl Rahner mobiliza a comunidade teológica no mundo inteiro. Muitos escritos e inúmeras homenagens têm sido feitas e ainda se farão em torno a este que é considerado – com toda justiça – como o maior teólogo católico do século XX. Introduzindo fundamentais novidades no pensar teológico sistemático, tais como o ponto de vista antropocêntrico para pensar o mistério divino; a aliança indestrutível entre teologia e antropologia e entre transcendência e história, configurando o pensar teológico; a identidade de Jesus Cristo, por natureza, com o que o ser humano é por graça, Karl Rahner revolucionou a teologia contemporânea e trouxe para o interior de seu discurso alguns pontos polêmicos, que o fizeram ser questionado por muitos¹, ainda que respeitado e admirado por todos.

Neste texto, nossa intenção é assinalar alguns dos aspectos nos quais a teologia de Rahner foi fundamental para a teologia trinitária contemporânea. Dizemos alguns porque muitos outros estudos e artigos já abordaram esse tema, tão central na obra rahneriana. No entanto, cremos que nossa reflexão pode trazer alguma contribuição – ainda que modesta – para pensar a obra deste teólogo que inaugurou novos continentes dentro do conjunto da vida eclesial e de sua produção teológica, assim como deu origem a novas escolas de pensamento que puseram a teologia no centro do debate hodierno e a desafiaram a dialogar com outras ciências².

Primeiramente, portanto, trataremos de expor o núcleo do pensamento de Karl Rahner sobre o mistério da Santíssima Trindade, a partir de seu célebre, tão contestado e discutido axioma “A Trindade Imanente é a Trindade Econômica e vice-versa”. Em seguida, procuraremos ver como, a partir e através do pensamento trinitário de Rahner, o pensar sobre Deus resgatou algo que estava presente nas origens da vida e do pensar cristãos e que se perdeu pelo caminho nos meandros do rigor escolástico: o enraizamento da reflexão e do discurso teológico na Escritura e o inseparável e indissolúvel entrelaçamento do pensar trinitário com o pensar cristológico, da Trindade com a Cristologia, de Deus com Jesus Cristo e, portanto, com a salvação ou a soteriologia³. Neste segundo momento de nossa reflexão, introduziremos a revelação que a Bíblia faz de seu Deus como um Deus que ama e deseja ser amado, procurando fazê-la dialogar com a reflexão

¹ Cf. H.C. DE LIMA VAZ, in M.C. BINGEMER / R. DOS SANTOS BARTHOLO Jr., *Mística e política*, São Paulo: Loyola, 1992, pp. 104-107, debate após a fala de F. DO COUTO TEIXEIRA, *A mística na Teologia da Libertação*.

² Referimo-nos aqui a muitas novas correntes de teologia, nascidas após o Concílio, e que beberam em Rahner como em uma fonte de inspiração nova. Por exemplo, a teologia política de seu discípulo J. B. Metz e a própria teologia da libertação latino-americana.

³ A fé cristã confessa Jesus Cristo como o Salvador, o Único Salvador, e, portanto, ao se tratar do entrelaçamento do tratado sobre Deus e do tratado sobre Cristo, entra inevitavelmente em cena o tratado sobre a Antropologia informada pela Graça, ou seja, a problemática da salvação.

e o discurso rahnerianos. Finalmente, em uma terceira parte de nosso artigo, procuraremos ver como, para o homem espiritual que foi Karl Rahner, a relação amorosa com esse Jesus, Verbo Encarnado e Filho de Deus, pode e deve ser pensada e dita pela teologia, como *locus* privilegiado onde a revelação do Deus que se revelou a si mesmo como Pai, Filho e Espírito Santo tem condições de possibilidade de acontecer, manifestar-se e ser experimentada por todo aquele ou aquela que nele crê. Em suma, desejamos, com este artigo, demonstrar como para Rahner a dicção amorosa surgida da relação com Jesus é a única possibilidade da dicção trinitária.

Um Deus que é “por nós” e “para nós”

No processo de elaboração de sua teologia trinitária, Karl Rahner vai afirmar que a Trindade é mistério, e mistério de salvação para nós. É mistério que vem ao nosso encontro, portanto, quando está em jogo a nossa salvação. Se não fosse assim, nem sequer haveria sido revelada. Portanto, não há sentido em pensar o Deus de nossa fé como “mistério lógico”, mas sim como “mistério de salvação”. Segundo Rahner, portanto, há que proceder sempre partindo do nível da *economia* (Deus agindo em nosso favor e por nós) em direção ao nível da *imanência* (Deus em sua vida eterna e perfeita comunhão entre as divinas pessoas).

Assim fazendo, Rahner não faz mais do que seguir em fidelidade criativa a mais rica tradição da Igreja, notadamente aquela que se elaborou nos primeiros séculos do Cristianismo, por parte dos Santos Padres⁴. Rahner intitula seu monumental tratado sobre a Trindade de maneira significativa: *O Deus Trino, fundamento transcendente da história da salvação*⁵. Dizemos significativa porque já no próprio título o Autor aproxima de maneira

⁴ Cf. por exemplo a frase de Santo Ireneu de Lyon: “o Homem Perfeito, o Filho do Pai trouxe toda a novidade em se trazendo a si mesmo” in *Adversus haereses*, 4, 34, 1. Aí estão os temas caros a Ireneu da Novidade e da Recapitulação de todas as coisas em Cristo, assim como o da Pedagogia de Deus em Sua Revelação, que atinge seu ponto culminante na Encarnação do Verbo. Cf. igualmente o belo artigo de A. Pimentel: “A atualidade de uma questão a doutrina da união hipostática em Cirilo de Alexandria e Karl Rahner”, *Perspectiva Teológica* ano 35, nº 97 (2003) 325-340. O Autor, neste artigo, faz uma rica comparação entre a doutrina de Cirilo e de Rahner no que tange à união hipostática.

⁵ Esta obra foi uma retomada ampliada e corrigida do texto já publicado em seus *Escritos de Teologia* (n. 8 na versão francesa), com o título “Sur quelques aspects du traité dogmatique *De Trinitate*”. Uma vez retomada, ampliada e corrigida pelo autor, foi publicada com o título *Dieu Trinité: Fondement transcendant de l’histoire du salut*, (trad. bras.: *O Deus Trino: fundamento transcendente da história da salvação*, em J. FEINER / M. LOEHRER, *Mysterium Salutis* II/1, A história salvífica antes de Cristo, Petrópolis: Vozes, 1978, pp. 283-359). Aqui utilizaremos e citaremos a partir da edição francesa mais recente *Dieu Trinité. Fondement transcendant de l’histoire du salut*, Paris: Cerf, 1999.

íntima e harmoniosa duas categorias que constituirão o binômio que passará toda a sua obra: **transcendência** e **história**. Mais precisamente: transcendência divina e história humana, a vida humana e a salvação de Deus. Assim fazendo, Rahner traz definitivamente para baixo, para o chão da vida humana e da história, o que é do alto: a vida divina, o mistério de Deus. Aí está, portanto, já presente a aproximação rahneriana entre mistério de Deus e salvação humana, que estará sempre no centro de sua teologia trinitária⁶.

Igualmente a teologia rahneriana introduz entre o céu e a terra, a transcendência e a história a categoria de **fundamento**. A Trindade eterna e imanente dá existência e consistência à história. É nesta última, portanto, que acontece e é oferecida a salvação ou a plenitude do Amor que recria a humanidade desde o seu interior e a conduz para o seu fim, que é o seu mesmo fundamento. Alfa e Ômega da criação, eis o que é, na concepção rahneriana, a Trindade Eterna, o Amor em perfeita comunhão que conduz o criado e a história a sua plenitude e consumação⁷.

Por outro lado, se tal pensar traz o mistério do Deus que nunca ninguém viu e continuou vivo⁸ para o chão da terra onde pisam os seres humanos; para o meio das relações humanas ambíguas e atravessadas simultaneamente pelo pecado e a graça; este pensar constitui igualmente a história humana como lugar por excelência onde o Criador faz a oferta amorosa da salvação a sua criatura enquanto esta ainda se encontra perdida e incapaz de pôr-se a caminho por suas próprias forças⁹.

É nesta proximidade inaudita, onde o Amor se dá a conhecer em meio ao desamor e ao conflito que compõem as tramas da história, que o ser humano pode então fazer a experiência do Deus que é amor, do Deus que oferece amor e deseja ser amado e que, em sua revelação ao povo de Israel, propõe o amor a Si mesmo por parte do ser humano como um imperativo e um mandamento: "*Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de todas as tuas forças e com todo o teu entendimento...*"¹⁰.

⁶ Não é outra a perspectiva dos Santos Padres. A. Pimentel apresenta, em seu artigo citado acima (nota 4), as belas palavras de Cirilo de Alexandria falando sobre a união hipostática: *Diferentes são as naturezas que se encontraram em uma unidade verdadeira, mas das duas (resulta) um único Cristo e Filho: a diferença das naturezas não foi supressa pela união, mas ao contrário, a divindade e a humanidade formam para nós um único Senhor e Filho e Cristo, pelo seu encontro indizível e inefável na unidade* (P.-Th. CAMELOT: *Ephese et Chalcedoine*. Paris: Editions de l'Orante. Segunda Carta de São Cirilo a Nestório [janeiro-fevereiro 430], p. 192).

⁷ K. RAHNER, *Dieu Trinité*, op. cit., p. IX, a introdução de Y. TOURENNE.

⁸ Cf. Dt 5,24.

⁹ Cf. *Dieu Trinité*, op. cit., p. 40

¹⁰ Cf. Dt 6,4ss.

Desde muito cedo, o povo de Israel compreenderá sua identidade em estreita relação com o amor de seu Deus. A oração com que o israelita justo e piedoso comporá sua profissão de fé fundamental já tem como pórtico de entrada o amor desse Deus que é aquilo que vai permitir o conhecimento e a perenidade da Lei.

O amor de Deus é o que abre os ouvidos do povo e de cada um de seus filhos, os quais repetem várias vezes ao dia: *“Escuta, Israel! O Senhor nosso Deus é o Único Senhor . Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de todo o teu ser, de todas as tuas forças”*¹¹. Deus, o Deus de Israel, o Deus de Abraão, Isaac e Jacó, Aquele que Jesus vai chamar de Abbá! Pai!, é um Deus que ama e quer ser amado com a totalidade da humanidade do ser humano. É, portanto, o Deus que se pode e se deve não apenas temer, mas amar, o que sem dúvida nunca se tinha ousado afirmar antes do Deuteronômio¹².

Este amor se exprime pelo compromisso total da pessoa, evocado pela tríplice formulação: *“de todo o coração, de todo o ser, de todas as forças”*. Em muitas outras passagens bíblicas se encontrará esse amor exigido, afirmado e reafirmado, nem sempre com a formulação tríplice, mas também dupla¹³.

Ainda em outras passagens desse livro tão fundamental para a compreensão da experiência do povo eleito e do Deus desse povo encontram-se outras palavras diferentes de *amar* indicando a relação do povo com seu Deus. São elas: *buscar a Deus*¹⁴, *servir a Deus*¹⁵, *praticar e guardar os mandamentos*¹⁶, *escutar o Senhor*¹⁷, *voltar ao Senhor*¹⁸. O autor bíblico evoca assim com tantos e tão diferentes verbos as infinitas formas concretas que o amor a Deus pode e deve tomar, assim como a experiência do amor de Deus pelo povo que Ele escolheu e pelos que Lhe são caros.

O amor de Deus aparece, assim, na revelação bíblica como algo dinâmico e radical, perpetuamente em movimento, e que coloca aquele ou aquela que a ele adere como que embarcado nesse itinerário infinito e sem retorno que se dá em pleno coração da história. E por dar-se em meio à história, necessariamente ambígua, trata-se de algo que nunca se terá adquirido de uma vez por todas, mas sim de algo que há que constantemente buscar, praticar, escutar, para obedecer. E o lugar onde essa prática, essa escuta,

¹¹ Dt 6,4-5.

¹² Cf. nota c da TOB, edição francesa.

¹³ Dt 10,12; 30,6: *todo o teu coração, todo o teu ser*.

¹⁴ Dt 4,29.

¹⁵ Dt 10,12.

¹⁶ Dt 26,16.

¹⁷ Dt 30,2.

¹⁸ Dt 30,2.10.

essa busca, podem unicamente acontecer é o tempo e o espaço da história humana¹⁹. Rahner dirá, então, que o que nos permite crer em um Deus Trino como plenitude do Amor é o fato de que ele se manifestou assim, desta maneira, na história. E manifestou-se não como um fenômeno que deixasse intocado o enigma da realidade, mas como dom da presença trinitária que transfigura essa mesma realidade e, desde o seu interior, abre a possibilidade de acesso à vida divina²⁰.

A teologia rahneriana ajudará a chamar então a atenção para o fato de que, se algo se pode dizer do povo de Israel, é que – não deixando nem por um momento de ser o povo da Lei – é o povo do amor. E é esse amor que vai configurar sua vida enquanto povo, seu caminho e seu projeto de existência. O amor de Deus será o critério pelo qual se medirá a estatura das pessoas e do próprio povo e seu projeto.

Toda a experiência, porém, de amar e ser amado que caracteriza o caminho do povo de Israel, assim como as exigências ineludíveis e exclusivas desse amor, já desde muito cedo vão mostrar-se como não somente afetivas e sensíveis. Tem, sim, pelo contrário, uma dimensão muito concreta e real, esse amor de Deus que vai exigir – em demonstração de fidelidade a Sua pessoa – a prática da justiça e do direito para com todos, em especial em relação àqueles e àquelas mais desprovidos de força, de voz, de prerrogativas: o órfão, o pobre, a viúva, o estrangeiro²¹.

É desta maneira de amar a Deus que vai-se ocupar o livro do Levítico, quando proclama e descreve a Lei de Santidade, ou seja, o conjunto de preceitos que têm como denominador comum a santidade de Deus, que deve transparecer em todos os atos e em todas as circunstâncias da vida do povo que é consagrado (*qadosh*) ao Deus santo, resumindo-a no preceito: “Amarás teu próximo como a ti mesmo porque eu sou santo”²². Ora, a revelação de Deus como amor em si mesmo manifesta-se no amor de Deus por e para nós. Ou seja, o que aparece na revelação bíblica vai ser expresso, segundo Rahner, da seguinte maneira: “Deus se comporta com relação ao homem justificado como Pai, Verbo e Espírito e ele é ao mesmo tempo isto em si e por si”²³. Esta identidade divina e este imperativo de ser amado sobre todas as coisas levanta-se como exigência primordial revelada no rosto do outro, do próximo, em favor de quem o povo deverá praticar esse

¹⁹ Magnificamente trabalhado pelo Autor está esse tema em seu célebre texto “O ouvinte da Palavra”, in *Curso Fundamental da Fé*, São Paulo: Paulinas, 1989, pp. 37-59.

²⁰ Cf. o que sobre isso diz Y. TOURENNE, na introdução ao livro *Dieu Trinité*, *op. cit.*, p. V.

²¹ Cf. Ex 22,22; 23, 3-11; Dt 24,17, entre outros.

²² Lv 19,18. Cf. nota 1 da TOB, edição francesa a Lv 19,1.

²³ Cf. Deus no NT, in *Écrits théologiques* 1, Paris: DDB, 1959, pp. 110-111, estudo citado igualmente pelo autor no tratado *Dieu Trinité*, *op. cit.*, p. III.

amor que lhe é gratuitamente dado. E brilha como exemplaridade vivida e verdadeira, que pôde ser vista, ouvida, tocada e sentida, no rosto de Jesus de Nazaré, ao qual a comunidade cristã reconheceu e proclamou Filho de Deus e Deus mesmo²⁴.

Será Jesus, portanto, segundo Rahner, Aquele que abrirá na história, definitivamente, o acesso à presença e ao amor trinitários. Será neste homem, “que chamou e rezou a Deus como seu Pai (Abbá) e que, por seu agir e ensinamento, mas sobretudo por sua maneira de enfrentar a violência até a morte e por sua ressurreição dentre os mortos, manifestou que existia um elo único entre o Pai e ele mesmo”, que o ser humano poderá encontrar o acesso real e definitivo ao mistério trinitário. Para Rahner, é, portanto, na narrativa da vida humana de Jesus reconhecido como Senhor pelo “novo nascimento”²⁵, tornado possível pelo Espírito Santo que o horizonte trinitário se entrelaça com o discurso cristológico, em mútua fecundação e recíproca iluminação²⁶.

A Encarnação do Filho de Deus é que vai mostrar que Deus não é apenas uma Idéia, ou o Uno, ou o Princípio dos filósofos, mas alguém Vivo: um Deus que veio falar a nós, revelar-se a nós, amando e desejando ser amado. É assim que o Autor caminha para fazer a afirmação de seu revolucionário axioma, centro vital de sua teologia trinitária: se o Cristo Jesus é reconhecido como o Verbo²⁷ ou como a expressão perfeita e o espelho da glória do Pai²⁸, é porque existe em Deus não apenas uma unidade absoluta, mas uma diferença que permite que Deus se comunique a si mesmo vindo assumir a história da humanidade. Tal é, então, o axioma fundamental: “A Trindade que se manifesta na economia da salvação é a Trindade imanente e vice-versa”²⁹.

Questionador axioma, sobretudo em sua segunda parte. Pois, se é facilmente compreensível e apropriável pelo entendimento humano que Deus é tal como se revela em seu agir em nosso favor e em seu amor por nós revelado plena e perfeitamente no envio e na morte e ressurreição do Filho, a recíproca já não é tão evidente. Como se pode afirmar que o entendimento humano possa esgotar, pela sua limitada percepção do agir de Deus na economia da salvação, os abissais mistérios do ser de Deus em sua eternidade e inabarcável comunhão de amor?

²⁴ Cf. o que dirá a esse respeito 1Jo 1ss: “O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam, a respeito do Verbo da vida (pois a vida foi manifestada, e nós a temos visto, e dela testificamos, e vos anunciamos a vida)”.

²⁵ Cf. Jo 3,3.

²⁶ K. RAHNER. Citado por Y. DUPRENNE, *art. cit.*, pp. V-VI.

²⁷ Cf. Jo 1,1.

²⁸ Heb 1,1-3.

²⁹ K. RAHNER, *Dieu Trinité, op. cit.*, p. 29.

Com este axioma, verdadeiramente, Rahner introduz várias rupturas no tratado da Trindade³⁰. A primeira é com relação à concepção da teologia trinitária como dois tratados separados³¹. A visão teológica mais tradicional, sobretudo a neo-escolástica, percebe com extrema dificuldade que a Trindade seja antes de mais nada a manifestação de Deus na história da salvação. Todo o edifício teórico desta teologia encontra seu ponto de partida no alto, mantendo entre a economia e a eternidade um abismo hermenêutico praticamente intransponível. Rahner afirmará, no entanto, que este abismo intransponível, Deus mesmo veio preenchê-lo através da *kenosis* de seu Filho, que desceu até o fundo mais profundo da humilhação e do sofrimento humanos e depois foi elevado mais alto que todo nome pronunciado no céu, na terra e nos infernos ... para a glória de Deus Pai³². A lógica da Trindade, concebida puramente a partir de sua imanência e da vida intradivina, não permitiria o entrelaçamento com a humilde e paciente história da salvação, acontecida entre a fidelidade e a infidelidade do ser humano, no vai-vém das aproximações e afastamentos entre Deus e o ser humano limitado e pecador. O mesmo aconteceria com respeito a certas afirmações do Filho, do homem Jesus, ao afirmar que ninguém conhece o dia ou a hora, nem os anjos do céu, nem o Filho, mas apenas o Pai³³.

Ao ousar dar um passo a mais com seu axioma em relação à concepção mais tradicional da teologia trinitária, Rahner não opõe uma reflexão trinitária a partir do alto a uma aproximação a partir de baixo. Apenas procura pensar o elo íntimo entre Deus e a criação, entre o divino e a história, entre o transcendente e o real. E este elo é o dom da Verdade e do Amor feito à humanidade. Deus se faz o íntimo mais íntimo de sua criatura em suas alegrias e dores. E isto que é o mistério maior que, aproximando-se amorosamente, nos salva, se verifica em Jesus Cristo. Ele é o exemplo por excelência de que a Trindade econômica é a Trindade imanente e vice-versa. Jesus Cristo não é a encarnação de Deus em geral, mas é a Palavra, o Verbo. E porque o Verbo é, na Trindade, a auto-expressão do Pai, ao mesmo tempo infinitamente a Este unida e d'Este diferente, é que pode ser o símbolo real do Pai sobre a terra, assumindo como suas uma existência e uma liberdade humanas³⁴.

O mistério da Encarnação será, portanto, central no pensamento de Rahner, como figura singular e irreduzível. Rahner, ao longo de sua evolução teo-

³⁰ Alguns estudiosos recentes do pensamento rahneriano, como V. Holzer, chamará não de rupturas, mas de deslocamentos, essas diferenças que vão marcando o pensar do Autor sobre a Trindade e sobretudo sobre a pessoa de Jesus Cristo. Cf. V. HOLZER, *Le Dieu Trinité dans l'histoire: Le différend théologique Balthasar-Rahner*, Paris: Cerf, 1995, pp. 276-277.

³¹ *De Deo Uno e De Deo Trino*.

³² Cf. Fil 2,8-9; Ef 4,9-10. Cf. o que sobre isso comenta V. HOLZER, *op. cit.*, p. 277.

³³ Cf. Mc 13,32; Jo 14,28; At 1,10 ss.

³⁴ Cf. Jo 14,9. V. também *Dieu Trinité*, *op. cit.*, p. 40.

lógica, passará de uma cristologia “reflexiva” centrada sobre o movimento consumado de auto-transcendência que é a união hipostática a uma cristologia da singularidade indedutível do evento da graça como evento sacramental de Salvação³⁵.

É o rosto de Cristo, arquétipo cristológico de um rosto único, que vai constituir a justa medida daquilo que o ser humano pode conhecer de Deus. É a unicidade de seu rosto, de seu destino histórico, da figura, enfim, do galileu Jesus de Nazaré que vai permitir a Rahner passar a uma nova inteligibilidade do elemento soteriológico, deslocado do movimento evolutivo da autotranscendência humana em direção ao evento crucial e redentor da oblação amorosa que de Si mesmo faz o Filho de Deus. Neste sentido, nesta autocomunicação que Deus faz de Si mesmo em Cristo, no Espírito de Santidade, Rahner abre a possibilidade de uma percepção transcendental do Absoluto trinitário como evento de amor e graça salvadora³⁶.

A Cristologia: acesso à comunhão de amor trinitária

O mandamento de *amar o próximo como a si mesmo*³⁷ combinado com *amar ao Senhor Deus de todo o coração, de todo o ser, de todas as forças*³⁸ que constituem o centro da doutrina sobre Deus do Primeiro Testamento será retomado por Jesus, nas narrativas evangélicas, para expressar o essencial da Lei de Moisés³⁹. A Sagrada Escritura, no Novo Testamento, retomará a revelação de Deus feita na *Torah* e nos Profetas, inserindo-lhe uma novidade: a experiência de Deus **de** Jesus. A relação amorosa e constitutiva de um homem que chamava e rezava a Deus seu Pai (*Abbá*), e que, por todo o seu agir e seu ensinamento, mas sobretudo por sua obediência até a morte e por sua ressurreição dentre os mortos, manifestou que existia uma ligação única entre o Pai e ele, leva Rahner e nós a afirmarmos que só Ele era o Filho e só d’Ele se podia dizer que vinha do Pai⁴⁰.

Revelando como seu Pai o Deus de Abraão, Isaac e Jacó, que exige ser amado sem condições nem restrições, Jesus proporá algo semelhante a seus discípulos em nome desse mesmo Pai. O Sermão da Montanha⁴¹, carta magna do projeto do Reino de Deus, traz alguns matizes novos sobre a maneira de amar própria que os discípulos de Jesus devem ter.

³⁵ Cf. V. HOLZER, *op. cit.*, p. 276.

³⁶ Cf. *ibidem*, p. 277.

³⁷ Lv 19,18.

³⁸ Dt 6,5.

³⁹ Cf. Mt 22,37-39.

⁴⁰ K. RAHNER, *Dieu Trinité, op. cit.*, p. V. Cf. acima, nota 20.

⁴¹ Mt 5,43-47.

A própria configuração que Jesus dá ao seu ensinamento sobre o amor é única. Não apenas interpreta o AT como os doutores e sábios de seu tempo, mas o ultrapassa. Diz algo novo com base apenas em sua própria autoridade⁴²: “Ouvistes o que foi dito aos antigos... Eu, porém, vos digo...” Trata-se de uma palavra ao lado ou além “do que foi dito aos antigos...” pelo próprio Deus.

O “Eu, porém, vos digo” de Jesus pretende ser a palavra definitiva de Deus. Diferente dos profetas, que pontuam seus discursos com a referência explícita ao Deus de Israel para deixar bem claro em nome de quem falam: “Assim fala o Senhor” ou “Oráculo de Javé”, Jesus não distingue sua palavra da palavra de Deus. Ao contrário, compreende-se e é compreendido como a boca falante de Deus, a própria voz de Deus⁴³.

O que então é proposto ao cristão é uma conduta ativa: tudo suportar e conceder, *amar* ativa e dinamicamente a todos, inclusive àqueles que lhe fazem mal. O princípio⁴⁴ é passar além do amor ao próximo tal como enunciado no Antigo Testamento, tal como *dito aos antigos*. Este, segundo a Lei, ainda conserva um sentido restritivo, e a menção do inimigo exprime a antítese sugerida pela frase que lhe dá início⁴⁵: “Amai os vossos inimigos”.

Porém, de que tipo de amor se trata? Certamente não tem nada de uma ternura espontânea, feita de afinidade, a qual seria aliás impossível num caso destes. O termo grego usado para exprimir de que amor se trata, o verbo *agapán*, mostra que este amor deriva de um querer não compelido pelo constrangimento que o homem deve se impor quando se enfrenta com seus inimigos. Mais ainda, é necessário deixar o campo puramente psicológico, pois o amor cristão – a caridade, inspirada no testemunho de Jesus – deve exercer-se sob forma de bondade ativa e chegar a efeitos e benefícios concretos.

O ensinamento, graças a uma palavra técnica – “inimigo” –, generaliza-se, abarcando toda situação onde o cristão é maltratado, ou mesmo exposto à morte por causa de sua fé. Como o confirma a oposição seguinte⁴⁶, entre o “irmão” e o “inimigo”, este não é nem o adversário pessoal, no interior da comunidade religiosa, nem o inimigo da nação no sentido político e militar, mas o perseguidor da fé, o inimigo da comunidade messiânica formada pelos primeiros cristãos⁴⁷.

⁴² Cf. Mc 1,22.27ss; Mt 5,21-22.27-28ss.

⁴³ Cf. o que sobre isso diz W. KASPER, *Le Dieu des chrétiens*, Paris: Cerf, 1985, pp. 247-253.

⁴⁴ Mt 5,43-44.

⁴⁵ Mt 5,44.

⁴⁶ Mt 5,46.

⁴⁷ Cf. o que sobre isso diz J. DUPONT, *Les beatitudes*, t. I, Gabalda et Cie, 1969, p. 343.

A motivação ressaltada pelo evangelista para sustentar tal amor e tal exigência é buscada fora do mundo das criaturas. O motivo apto a sustentar tal conduta é a imitação de Deus mesmo, é o desejo de comportar-se como filho de Deus. Para Jesus de Nazaré, segundo o evangelho de Mateus, alguém se torna filho de Deus a partir do momento em que começa a praticar o amor aos inimigos, à imitação desse Deus que reparte suas graças e benefícios sobre todos os homens sem distinção. Ser filho de Deus se “prova” na fidelidade e na obediência. E essa conformidade ao querer divino se expressa já na ética judaica sob a forma da imitação da conduta divina, em linha direta com a convicção de ser o homem imagem de Deus⁴⁸.

O cristão deve ir além dessa conduta que manda amar o próximo *como a si mesmo*, além da justiça dos escribas e fariseus. Deve fazer “a mais” do que as categorias pecadoras mencionadas em comparação pelo evangelista. Deus em pessoa, por seu exemplo soberano, o chama a um ultrapassar-se constante e sem limite: “*Sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito*”⁴⁹. E essa revelada identidade de Deus se manifesta em seu Filho Jesus, Verbo Encarnado, que toma nossa natureza humana e vive e revela humanamente o desafio de amar como Deus mesmo ama.

Jesus, o Filho de Deus, arrasta, portanto, seus discípulos a limites não suspeitados quanto às exigências do amor. Pois não propõe apenas uma arte de viver neste mundo, mas uma obrigação positiva, um ministério do amor universal. Neste sentido, vai muito além do próprio dever do perdão: apesar de incluí-lo, a exigência de Jesus de amar os inimigos vai mais longe, rejeitando o que ainda possa subsistir de condescendência mesmo no perdão, indo até o ponto de esquecer a ofensa feita para não mais pensar senão no dom generoso de si, sem nenhum ressentimento e intenção escondida⁵⁰.

Trata-se simplesmente de amar, inclusive sem pensamentos estratégicos de manutenção de uma paz utilitária para fins de política eclesial, nem de captação de benevolência com vistas a uma propaganda para conversão. É, portanto, e sem dúvida, um amor mais divino que humano⁵¹. Seria desumano, na verdade, para quem não tivesse a coragem de crer no primeiro mandamento: *Amar a Deus sobre todas as coisas* e por causa disso, “perder-se” a si mesmo a fim de “ganhar a Cristo”⁵² e atingir, com ele, por ele e nele, a semelhança divina. Seria ainda desumano para alguém que não cresse – como Karl Rahner crê, reflete e explicita – que o amor de Deus se

⁴⁸ Cf. Lv 19,2b: “Sede santos porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo”.

⁴⁹ Mt 5,48.

⁵⁰ Cf. sobre isso nosso livro *Violência e religião. Três religiões em confronto e diálogo*, Rio de Janeiro / São Paulo: Ed. PUC-Rio / Loyola, 2001, 2ª ed.

⁵¹ Cf. SÃO BOAVENTURA, *Vita mystica* II, 39.

⁵² Cf. Fil 3,8.

oferece e se revela inteiro, total, na história conflitiva e atravessada pelo pecado, revelando que esse Deus é Pai, Filho e Espírito.

A proposta de Jesus a seus discípulos os convida a não conhecer nem colocar limites quando se trata de amar. Portanto, é necessário amar sobre todas as coisas, porque é assim que Deus mesmo ama. Dispondo-se a amar assim, o ser humano pode conhecer amorosamente o Deus que se revela Pai, Filho e Espírito Santo, mas que só pode ser encontrado passando através do véu da carne de Jesus, que paradoxalmente vela a divindade, mas também a des-vela e re-vela⁵³.

A pessoa de Jesus, síntese perfeita entre o humano e o divino, vai ser o referencial dos discípulos para perceber que esse amor não é impossível aos seres humanos habitados pelo Espírito de Deus. No final do Evangelho de João, Aquele que se encontra a um passo da Paixão dirá aos seus como testamento: “*Eu vos dou um novo mandamento: amai-vos uns aos outros. Como eu vos amei, assim deveis vós amar-vos uns aos outros. Se tendes amor uns pelos outros, todos reconhecerão que sois meus discípulos*”⁵⁴.

A revelação bíblica vê, portanto, no encontro humano com o Deus único, o Incondicional historicamente revelado, o fundamento da normatividade universal do seu *ethos*⁵⁵. A fé cristã afirma ser o encontro com esse Deus em Jesus Cristo a experiência de um sentido radical do existir, uma teonomia fundante da liberdade e responsabilidade pessoais, um enraizamento experiencial da pessoa no Incondicionado que lhe assegura, a um só tempo, a liberdade e o limite⁵⁶.

O termo usado para nomear esse amor de Deus é *agápe*, usualmente traduzida por amor. Aqui se tenta significar uma concepção de amor para a qual não parecem nem adequados nem idôneos os verbos e substantivos mais usuais na língua grega como *éros*, *filía*, *storgé*... No amor/*agápe* se destacam a generosidade desinteressada e oblativa – sem outro interesse ou possibilidade de gozo e satisfação que não seja seu próprio exercício – e a disponibilidade para uma saída de si em direção ao outro. A não-profanável alteridade do outro é o ponto de partida dessa doação de si, que tem sua raiz num Deus doador que é ele mesmo seu próprio dom. Esse Deus que se revela na história e no meio do mundo, é percebido e adorado

⁵³ Cf. o que belamente diz sobre isto a carta aos Hebreus (10, 20) sobre o caminho novo e vivo que Jesus Cristo abre através do véu da carne, de sua humanidade.

⁵⁴ Jo 13,34-35. O amor fraternal entre as pessoas, fundado e tornado possível pelo próprio Jesus, é o sinal por excelência da presença do amor de Deus – mais ainda, do amor que é Deus – na vida dos seres humanos.

⁵⁵ Ver H. KÜNG, *Proyecto de una ética mundial*, Trotta: Madrid, 1992, p. 75.

⁵⁶ Ver G. MATHON, “Sainteté”, in *Catholicisme hier, aujourd’hui et demain* 61 (1992) 704. Ver também A.J. FESTUGIÈRE, *La Sainteté*, Paris: PUF, 1949, obra estruturada em torno da comparação entre o herói grego e o santo cristão.

como sendo Ele mesmo amor. Tal como expressa, com ofuscante clareza, a primeira carta de João: “... quem não ama, não descobriu Deus, porque Deus é amor”⁵⁷.

A condição de possibilidade efetiva, portanto, de amar a Deus sobre todas as coisas se encontra no próprio Deus. Esse Deus que exige ser amado sobre tudo e sobre todos, antes de tudo ama, Ele mesmo, a criação e a humanidade incondicionalmente. E se revela enquanto amor, comunhão de amor trinitário, nas entranhas da história, dentro dos condicionamentos de tempo e espaço, na economia das relações com a humanidade criada.

Os textos neotestamentários proclamam essa verdade com as mais afetivas exclamações: *Tanto amou Deus o mundo que entregou Seu Filho Único*⁵⁸; *Se Deus é por nós, quem será contra nós? Ele que não poupou Seu próprio Filho mas O entregou por nós todos, como, com seu Filho, não nos dará todas as coisas?... Quem nos separará do amor de Cristo?... Em tudo isto somos mais que vencedores por Aquele que nos amou... Nada nos poderá separar do amor de Deus manifestado em Jesus Cristo nosso Senhor*⁵⁹.

Por isso afirma a Primeira Carta de João: *Amamos porque Deus nos amou primeiro*⁶⁰. E amou-nos sem restrições, sem condições. A dinâmica amorosa em que esse Deus nos faz entrar, por conseguinte, só pode ser também isenta de qualquer restrição e condição. E não pode estar submetida a qualquer outro império ou prioridade. É sobre todas as coisas.

É verdade que os pensamentos, palavras e obras dos seres humanos freqüentemente não guardam qualquer traço de fidelidade para com a Revelação do Deus-agápe em Jesus de Nazaré que radicaliza e clarifica a revelação do Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó. Mas nem **por isso** se apaga a Luz que ilumina a vida iluminada pelo amor desse Deus. A mesma Luz que o prólogo do Evangelho de João nos informa que brilha nas trevas sem que as trevas a apreendam⁶¹.

Essa Luz que brilhou desde toda a eternidade fez-se Palavra ouvida e obedecida na história, expressa no primeiro dos mandamentos do Antigo Testamento: *“Ouve, ó Israel: o Senhor nosso Deus é o único Senhor! Portanto, amarás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua força”*⁶². E chegou à sua plenitude n’Aquele que a comunidade primeva chamou de “a Luz do mundo” e que abriu para sempre o acesso à Luz antes inacessível do Mistério de amor e salvação

⁵⁷ 1Jo 4,8.

⁵⁸ Jo 3,16.

⁵⁹ Rm 8,31-39.

⁶⁰ 1Jo 4,19.

⁶¹ Jo 1,5.

⁶² Dt 6,5.

que só Ele pôde chamar de Pai enquanto Filho Unigênito. Entrar em relação amorosa com esse que se revelou e foi reconhecido como Filho de Deus é, portanto, o caminho que permitirá aceder ao mistério do Deus que é para nós e, sendo para nós, nos revela o que é em si mesmo. E aqui tocamos o outro lado e a outra perspectiva pela qual é possível aceder ao axioma trinitário rahneriano.

Amar Jesus

Apesar de todo o rigor e da complexidade de sua teologia, Karl Rahner é, antes de tudo, um homem de fé, uma pessoa espiritual, alguém cuja teologia brota da experiência que tem de Deus antes que de uma racionalidade puramente abstrata⁶³. É assim que não deve surpreender o leitor contemporâneo interessado em seu pensamento teológico que de sua pena haja saído uma reflexão tão profundamente teológico-espiritual quanto *Was heißt Jesus lieben*⁶⁴.

É bem verdade que, ao longo de toda a reflexão deste grande pequeno livro, sente-se a influência que configura sempre e desde sempre a teologia rahneriana: a da experiência dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola. Sente-se a reflexão teológica sólida e rigorosa de alguém que fez a experiência de sentir-se contemporâneo de Jesus como experiência de amar alguém vivo e não uma idéia abstrata nem uma recordação que passou e permaneceu fixada em algum momento do tempo, há mais de dois mil anos⁶⁵.

Primeiramente, Rahner tece toda uma bela consideração sobre o amor como risco de confiar no outro, implicando a necessidade de sair de si mesmo para entregar-se a esse outro em movimento amoroso que, permitindo encontrar o outro, capacita a encontrar-se a si mesmo⁶⁶. Demonstra que toda relação de confiança e de amor por um outro ser humano compreende um inelutável *plus* de decisão e audácia, que ultrapassa a reflexão operada previamente sobre os argumentos puramente racionais que possam justificar uma tal audácia e dar-lhe um sentido profundo.

Embora justificando plenamente e proclamando positivas todas as pesquisas e investigações das ciências históricas, exegéticas e críticas que preten-

⁶³ Cf. os diversos livros que escreveu sobre temas espirituais, abordando-os com profundidade teológica: *Éléments de théologie spirituelle*, Paris: DDB, 1969, *Le Dieu plus grand*, Paris: DDB, 1971, entre outros.

⁶⁴ Freiburg-im-Breisgau: Herder, 1982, que citaremos aqui em sua tradução francesa *Aimer Jésus*, Paris: Desclée, 1993, col. Jésus et Jésus Christ.

⁶⁵ Cf. *Aimer Jésus*, *op. cit.*, pp. 20-21.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 17.

dem ajudar a conhecer Jesus, Rahner afirma que há sempre um passo a mais a ser dado, na liberdade, na audácia da decisão e muito concretamente, no amor, quando se trata da relação cristã com a pessoa de Jesus. E esse *plus* – segundo afirma ousadamente Rahner – ultrapassa mesmo o testemunho que sobre Jesus podem dar a Tradição e a Igreja. Pois é somente se Jesus é acolhido e amado pelo que Ele é em si mesmo, é que se pode dar o salto libertador para além do saber e da ciência e entregar-se absolutamente a Ele⁶⁷. Ao afirmar isso, Rahner afirma ser possível, portanto, amar Jesus pelo que Ele é em si mesmo e amá-lo, assim, com um amor verdadeiro, autêntico e imediato⁶⁸.

Essa possibilidade, no entanto – justifica Rahner – nos é dada porque encontra sua fonte na profundidade da divindade e da vida plena de Deus que é a do próprio Jesus. Assim, podemos ousar amá-lo e entregarmo-nos a Ele sem reservas porque ele mesmo toma a iniciativa de seu amor por nós. Em outras palavras, Ele mesmo toma a iniciativa de amar-nos. E porque cremos na graça do amor que nos capacita a amar Deus e Jesus, é tornado possível nosso amor por ele⁶⁹.

Não se trata, porém, nesta aventura de amor, de simplesmente imitar Jesus ou relegá-lo ao nível de princípios já pré-estabelecidos. Neste amor que por graça somos capazes de sentir e experimentar, Jesus torna-se o Absoluto concreto no qual são superadas a abstração das normas do discurso tradicional sobre Deus, bem como a insignificância de um puro contingente singular⁷⁰.

Ou seja, em virtude da própria natureza do amor e em virtude particularmente da potência do Espírito Santo de Deus, da qual o Messias Jesus possui a plenitude que lhe foi dada pelo Pai desde toda a eternidade, pode-se, atravessando no amor o espaço e o tempo, amar efetivamente Jesus. E, amando-o, a esse ser concreto e real, superar a distância espacial, cultural e temporal entre nós e Ele⁷¹.

Afirmando tal coisa, Rahner está, ao mesmo tempo, afirmando que Jesus constitui no tempo e no espaço da história humana nossa única verdadeira e concreta possibilidade de aceder, com nossa humanidade, com nossa carne mortal, à presença e à verdade de Deus que se revela em meio à história. Toda realidade histórica através da qual Deus se revela é provisória e pode ser superada. Todas as contingências históricas são provisórias e passam. Todas, menos a pessoa de Jesus⁷².

⁶⁷ *Ibidem*, p. 18.

⁶⁸ *Ibidem*, p. 23.

⁶⁹ *Ibidem*.

⁷⁰ *Ibidem*.

⁷¹ Cf. *ibidem*, p. 28.

⁷² Cf. *ibidem*, p. 30.

Somente nele se deu a revelação definitiva de Deus em meio à história humana. Apenas Jesus é a Palavra insuperável e definitiva na história entre Deus e o mundo. E tão-somente nele podemos encontrar a autocomunicação efetivamente autêntica de Deus sobre si mesmo, como Pai, Filho e Espírito Santo⁷³. Em Jesus, é Deus mesmo que vem a nós e nos resgata, nos redime. E esta redenção não consiste em coisas que Deus, em Jesus, nos dá. Mas é Deus mesmo que, em Seu Filho, se dá a si mesmo definitiva e irrevogavelmente por amor a nós e por nossa salvação⁷⁴.

Conclusão: em Jesus, Deus se revela como Ser amável

A realidade humana alcançável de Jesus deve, portanto, ser a realidade de Deus mesmo, dirá Rahner levando até o extremo as conseqüências de sua reflexão que encontra expressão no célebre axioma com o qual iniciamos nossa reflexão: “A Trindade econômica é a Trindade imanente e vice-versa”⁷⁵. Isto que o gênio teológico rahneriano expressa como “a realidade humana alcançável de Jesus”⁷⁶ está, na verdade, em similitude e aliança íntima com tudo o que é criado. A ousadia teológica de Rahner vai até o ponto de dizer que “como a história mesma o mostra, Jesus teve uma relação com Deus que foi autenticamente uma relação de criatura. Ele rezou, ele lutou para conhecer a vontade de Deus, ele fez suas próprias experiências humanas, inclusive no plano religioso, etc. Mas toda esta realidade humana era justamente aquela na qual Deus mesmo podia estar autenticamente ali. E na história deste homem, morte e ressurreição incluídas evidentemente, ele se comunicou irreversivelmente ao mundo”⁷⁷.

É em Jesus, portanto, que se entrelaçam inevitavelmente transcendência e história, Espírito e carne, economia e vida intra-divina. Pois Jesus é o Único a dar a justa medida daquilo que o ser humano pode, efetivamente, conhecer de Deus⁷⁸. O que faz o específico da teologia de Rahner, – o qual neste particular segue de perto a revelação bíblica – é que este conhecer, na verdade, é inseparável do amar.

O sério e profundíssimo teólogo Karl Rahner, cujo centenário de nascimento ora celebramos, nos propõe, então, com sua teologia trinitária, amar Jesus com uma concretude que vai ao ponto de, inocente, indefesa e apai-

⁷³ *Ibidem*, p. 30.

⁷⁴ *Ibidem*.

⁷⁵ Cf. *Dieu Trinité*, *op. cit.*, p. 29.

⁷⁶ No texto francês, “réalité humaine saisissable de Jésus”, cf. *Aimer Jésus*, *op. cit.*, p. 31.

⁷⁷ *Ibidem*.

⁷⁸ V. HOLZER, *op. cit.*, p. 276.

xonadamente, “saltar-lhe ao pescoço”⁷⁹. Esse amor que é graça dada, mas que deve crescer e amadurecer na relação humilde e ternamente cultivada⁸⁰ será o único caminho que levará da realidade humana de Jesus ao Deus que, no meio da história, revelou-se Pai, Filho e Espírito Santo e que é o mistério maior e o fundamento da história da salvação.

Maria Clara Lucchetti Bingemer é Doutora em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma) com a tese "Deus e o divino serviço. Mística trinitária e práxis cristã em Santo Inácio de Loyola" (1989). Atualmente é professora associada de dedicação exclusiva no Departamento de Teologia da PUC-Rio e decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da mesma universidade. De 1994 a 2004, foi diretora do Centro Loyola de Fé e Cultura da PUC-Rio. Entre suas publicações mais recentes encontram-se: *A identidade cristica. Reflexões sobre vocação, identidade e missão dos leigos*, São Paulo: Loyola, 1998; *Violência e religião. Judaísmo, Cristianismo, Islamismo. Três religiões em confronto e diálogo*, Rio de Janeiro/São Paulo: PUC-Rio/Loyola, 2001; *Deus Trindade: a vida no coração do mundo*, Valencia/São Paulo: Siquem/Paulinas, 2002 (em co-autoria com V. Feller); *Experiência de Deus em corpo de mulher*, São Paulo: Loyola, 2002; *Deus Trindade: graça que habita em nós*, Valencia/São Paulo: Siquem/Paulinas, 2003 (também em co-autoria com V. Feller).

Endereço:Rua Almirante Salgado, 51 Laranjeiras
22240-170 Rio de Janeiro - RJ
e-mail: agape@rdc.puc-rio.br

⁷⁹ Rahner usa literalmente essa expressão : “l’audace de sauter au cou de Jésus” in *Aimer Jésus, op. cit.*, pp. 23-24.

⁸⁰ *Aimer Jésus, op. cit.*, p. 24.

Coleção CES

A Coleção CES reúne estudos de filosofia e cultura, teologia e religião, sob a responsabilidade do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus.

Títulos Publicados:

- 1. A Palavra se fez livro**
Johan Konings
- 2. Cenários da Igreja, 2ª ed.**
J. B. Libanio
- 3. Teologia da espiritualidade cristã**
Danilo Mondoni
- 4. Igreja contemporânea - encontro com a modernidade**
J. B. Libanio
- 5. Conhecimento afetivo em Santo Tomás**
Paulo Meneses
- 6. Experiência mística e filosofia na tradição ocidental**
Henrique C. de Lima Vaz
- 7. História da Igreja na Antiguidade**
Danilo Mondoni
- 8. Matrimônio - Aliança - Reino**
Francisco Taborda
- 9. Ecologia e criação - Resposta cristã à crise ambiental**
José Roque Junges
- 10. A arte de formar-se**
João Batista Libanio
- 11. Folhas de Outono**
Fernando Bastos de Ávila
- 12. Deslocamentos da teologia - mutações do cristianismo**
Carlos Palacio
- 13. Um incendiado desejo das Índias**
Marina Massimi
- 14. Teologia em diálogo**
Bruno Forte
- 15. Filosofia e método**
Emídio Fontenele de Brito / Luiz Harding Chang (orgs.)
- 16. Teologia e Pastoral**
Johan Konings (org.)

Edições Loyola - Cx. P. 42.355 - CEP 04299-970 São Paulo
e-mail: vendas@loyola.com.br